



# ORAÇÕES COMPLETIVAS E COMPLETIVAS DESGARRADAS: COMPORTAMENTO PROSÓDICO

## COMPLEMENTED CLAUSE AND UNATTACHED COMPLEMENTED CLAUSE: THE PROSODIC BEHAVIOR.

Violeta Virginia Rodrigues <sup>1</sup>  
 Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann <sup>2</sup>

### RESUMO

Entendemos por *desgarramento* o fenômeno pelo qual uma cláusula, que constitui uma unidade informacional, pode ocorrer solta sintaticamente de outra e, mesmo assim, apresentar um comportamento funcional-discursivo. No que tange especificamente às completivas *desgarradas*, além do caso apontado por Decat (1993, 2011), Silvestre e Rodrigues (2017) defendem que estas, mesmo não estando em sequenciação parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que ocorreram antes na cadeia discursiva, podem se *desgarrar*. Nesse sentido, as autoras apresentam uma ampliação da descrição proposta por Decat (1993; 2011). Neste artigo, portanto, com o objetivo de reforçar a proposta de Silvestre e Rodrigues (2017), mostramos a análise prosódica de três cláusulas completivas *desgarradas* e três cláusulas completivas não *desgarradas*, adaptadas de um *corpus* constituído por postagens da rede social *Facebook*, a fim de identificar o movimento melódico nestas cláusulas. Para tanto, conjugamos os pressupostos teóricos funcionalistas à análise da fonética acústica.

**Palavras-chave:** Funcionalismo. *Desgarramento*. Completivas.

### ABSTRACT

*We understand by unattached clause the phenomenon by which a clause, which constitutes an informational unit, can occur syntactically loose from another and, nevertheless, exhibit a functional-discursive behavior. With regard specifically to the unattached complemented clause, besides the Decat study (1993; 2011), Silvestre and Rodrigues (2017) argue that, even though they are not in paraphrastic sequencing, repeating or repeating syntactic structures that occurred before in the*

<sup>1</sup> Professor associado IV da UFRJ, integrando o quadro de docentes permanentes do Departamento de Letras Vernáculas - Setor de Língua Portuguesa, atuando nos cursos de graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.

<sup>2</sup> Doutoranda em Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, com bolsa de doutorado pelo programa Capes/UFRJ.

*discursive chain, they may be torn apart. In this sense, the authors present an extension of the description proposed by Decat (1993; 2011). In this article, therefore, with the purpose of reinforcing the proposal of Silvestre and Rodrigues (2017), we show the prosodic analysis of three complemented clause and three unattached complemented clause by a corpus consisting of posts of the social network Facebook, in order to identify the melodic movement in these clauses. For that, we combine the functionalist theoretical assumptions with the acoustic phonetics analysis.*

**Keywords:** *Functionalism. Unattached clause. Complemented clause.*

## INTRODUÇÃO

A tradição gramatical adota o critério morfossintático para rotular as orações subordinadas substantivas como aquelas que exercem as funções sintáticas que o substantivo pode exercer e as conjunções que as introduzem são denominadas de integrantes. O quadro teórico gerativista, por sua vez, adota critérios sintático-semânticos para classificá-las como argumentais, como aquelas que exercem as funções sintáticas de seus argumentos e que são introduzidas por complementizador/complementador e são denominadas de completivas. Na proposta funcionalista, as completivas são consideradas estruturas de subordinação, já que se encaixam em um constituinte de outra, estabelecendo com esta uma integração sintático-semântica.

Na postagem a seguir, identificamos uma completiva “que o seu domingo seja alegre e divertido” cujo predicador é “desejo”, portanto, encaixada neste constituinte verbal.

Figura 1

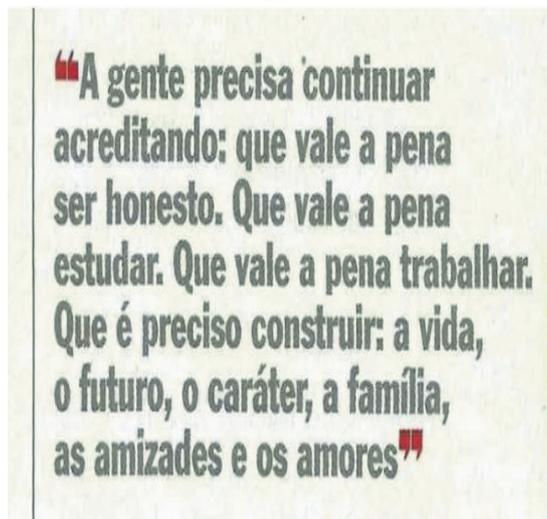


Fonte: própria *timeline* do Facebook

No português em uso atualmente, no entanto, tem se identificado casos de orações que têm forma de uma subordinada como a mostrada na Figura 1, mas que não se vinculam sintaticamente a nenhum constituinte anteriormente expresso, fenômeno denominado de *desgarramento* (cf. DECAT, 1993; 2011).

Decat (2011, p. 42) afirma que as cláusulas mais encaixadas, as completivas, só se *desgarram* quando formam uma sequenciação parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que ocorreram antes na cadeia discursiva, contribuindo para enfatizá-las e visando a objetivos comunicativo-interacionais, conforme identificamos na postagem a seguir.

Figura 2



Fonte: própria *timeline* do Facebook

Na postagem antes reproduzida, há uma completiva “que vale a pena ser honesto” encaixada no constituinte “acreditando”, seguida de três completivas *desgarradas* “que vale a pena estudar”, “que vale a pena trabalhar” e “que é preciso construir: a vida, o futuro, o caráter, a família, as amizades e os amores”, formando uma enumeração. Segundo a proposta de Decat (2011), são cláusulas *desgarradas* porque ocorrem isoladas como enunciado independente, sem vínculo com a oração matriz e isto se evidencia pelo uso do ponto final que separa umas das outras. Por meio do isolamento pela pontuação de orações que comporiam um único período composto, o escrevente não só modifica a estrutura sintática do período como também seu sentido.

Rodrigues (2019) acrescenta ao âmbito das completivas *desgarradas* de Decat (2011), como visto antes na Figura 2, casos como o que se segue, em que não há uma completiva não *desgarrada* e em sequência parafrástica uma completiva *desgarrada*.

Figura 3



Fonte: própria *timeline* do Facebook

Na postagem antes reproduzida, há o verbo “permitir” e a *desgarrada* “que a sua noite seja tranquila e abençoada...” que se separa desse constituinte por meio das reticências, formando outra unidade linguística. Portanto, a completiva *desgarrada* não ocorreu antes em uma sequenciação parafrástica. Vale frisar que casos como esse são menos frequentes; os mais recorrentes são de exemplos como o que se segue:

Figura 4



Fonte: própria *timeline* do Facebook

Assim, pretendemos com este artigo, não só analisar dados como esses e complementar a descrição das completivas *desgarradas* em relação ao que propôs Decat (2011), mas também dar a estas estruturas um tratamento prosódico. Portanto, acreditamos que há casos em que, por motivação discursiva, algumas orações completivas ocorrem como unidades de informação à parte. Segundo Chafe (1980), unidades de informação são jatos de linguagem que contêm toda a informação que pode ser ‘manipulada’ pelo falante num único foco de consciência. Outro exemplo que bem ilustra isso é o que se segue:

Figura 5



Fonte: própria *timeline* do Facebook

A análise de dados retirados do *Facebook* como os mostrados anteriormente seguirá a proposta funcionalista que parte do pressuposto de que a língua não é autônoma e de que o uso ajuda a definir a sua estrutura. Levando-se em conta que o *desgarramento* é um fenômeno linguístico, conforme postulado por Decat (1993), acreditamos que seu uso está a serviço da argumentação e que o uso não convencional da pontuação é um de seus índices na língua escrita. Acreditamos, ainda, com base em Bakhtin (2013, p. 7), que “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolaticismo”.

O *corpus* preliminar se constitui de 65 postagens (sessenta e cinco) do *Facebook* compostas por diferentes tipos de cláusulas: cláusulas completivas e completivas *desgarradas*, cláusulas hipotáticas relativas e hipotáticas relativas *desgarradas*, cláusulas hipotáticas circunstanciais e hipotáticas circunstanciais *desgarradas*. Embora tenham sido coletados dados destes tipos de cláusulas, o foco principal deste trabalho são as cláusulas completivas e completivas *desgarradas*, já que pretendemos verificar se as completivas e as completivas *desgarradas* apresentam comportamento diferenciado em relação ao fator prosódico denominado contorno melódico.

No que se refere ao *desgarramento*, além dos trabalhos de Decat (1993; 2011), utilizaremos também Chafe (1980), Rodrigues (2019) e Silvestre e Rodrigues (2014; 2017); sobre questões relativas à pontuação, utilizaremos os estudos de Ford (1980), Tenani (2008), Soncin e Tenani (2010); sobre os aspectos prosódicos adotaremos Moraes (1998) e Nespor (2010).

Além desta introdução, apresentamos neste estudo os pressupostos teóricos, a descrição do *corpus*, a análise dos dados e os resultados.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

As estruturas mais recorrentes em nosso *corpus* são, segundo Góis (1943, p 65-66), denominadas, quanto ao sentido, optativas, já que são orações que exprimem votos, têm verbo no subjuntivo, vêm regidas de conjunção expletiva “que” e permitem a elipse do verbo “desejar”, conforme já atestado por Rodrigues (2019).

Silvestre e Rodrigues (2014), aos estudarem as comparativas, além da diferença em relação ao tom que antecede as cláusulas *desgarradas*, verificaram ser categórica, em seus dados, a existência de pausa entre a cláusula núcleo e a cláusula *desgarrada*, fato não observado nos sintagmas entoacionais (Is) em que não há *desgarramento*.

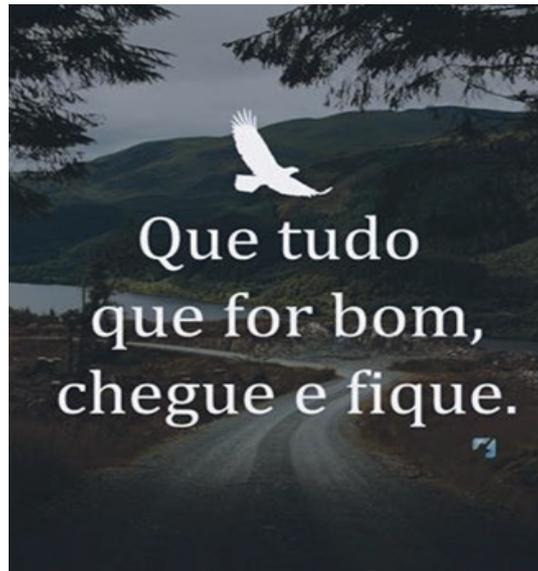
Pela configuração tonal, segundo elas, pode-se postular que a cláusula *desgarrada* constitui um I à parte e essa verificação corrobora a afirmação de Decat (1993), em referência a Chafe (1980), sobre o fato de as cláusulas *desgarradas* formarem uma unidade de informação à parte e serem identificáveis pela entoação ou pela pausa, ainda que breve, que as separa de outra.

Cunha e Cintra (1985, p. 632), ao abordarem o uso dos sinais de pontuação, afirmam que:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO-E-VÍRGULA, ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, conseqüentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular: ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica.

Acerca da dicotomia espontaneidade e expressividade do período composto, Bakhtin (2013) aponta o conceito de dramatismo, que consiste em estudar estruturas sintáticas que fogem à organização tradicional do período, garantindo um caráter mais espontâneo à língua e, conseqüentemente, um traço mais dialógico. Acreditamos, portanto, que as completivas *desgarradas* podem ser um exemplo de procedimento de dramatização, tendo em vista que as orações empregadas no gênero textual analisado pressupõem estruturas associadas ao campo semântico do *desejo*, como, por exemplo, a postagem apresentada a seguir em que há a informação [Eu desejo] implícita na oração [que tudo que for bom, chegue e fique], porém, a ausência da primeira oração garante a segunda um caráter mais interativo e expressivo.

Figura 6



Fonte: própria *timeline* do Facebook

Além disso, é importante ressaltar a influência do contexto de circulação e do conteúdo implícito ao estilo do gênero textual postagem. Embora haja diversos tipos de postagens, a abordada neste trabalho possui conteúdo temático associado ao gênero autoajuda – aquele que tem como propósito motivar ou ajudar as pessoas a lidarem com problemas cotidianos. Assim, o propósito comunicativo e o contexto de circulação digital favorecem o uso de estruturas mais simples do ponto de vista sintático, porém mais expressivas do ponto de vista semântico e interacional.

Outro aspecto relevante, no que tange às postagens em análise, é o conceito de multimodalidade inerente a esse gênero. A multimodalidade, conceito proveniente da Linguística Textual, utiliza-se de recursos linguísticos e semióticos, como a escrita, a imagem, a fonte, a tabulação, o som, a entoação, os ângulos, o jogo de luzes, as cores, só para citar alguns, combinados para criar sentidos ou ainda para potencializar as possíveis interpretações dos leitores. Portanto, o que determina que um texto seja multimodal são as múltiplas possibilidades de combinação de um signo com outro. Essas combinações possibilitam as diferentes leituras e inferências que um indivíduo poderá realizar ou perceber. Assim, Dionísio, Vasconcelos e Souza (2014, p. 55) salientam que “a imbricação desses vários modos semióticos compõe um novo discurso, no qual a imagem se funde com o verbal e constrói novos sentidos discursivos”.

Assim, no exemplo 5, nota-se que a cláusula completiva *desgarrada* “Que tudo que for bom, chegue e fique” em conjunto com as imagens do pássaro, que é o símbolo da liberdade, e a estrada, que remete à ideia de mudança, promove a criação de um novo significado e um direcionamento da palavra “tudo”, que passa a se referir à ideia de novos rumos e desafios.

Desse modo, embora o recurso semiótico, mais especificamente a imagem de fundo, pareça estar pouco relacionada ao recurso linguístico, que é a oração completiva *desgarrada*, a associação da imagem com a linguagem verbal proporciona ao leitor a ideia de escapismo. Por isso, a imagem de fundo costuma ser uma paisagem ao ar livre ou um objeto e/ou personagem que estejam pouco associados à rotina das pessoas.

É importante ressaltar que a multimodalidade é uma das características encontradas no *site Facebook*, que é um espaço híbrido em que se mesclam características da interação verbal e não verbal. Segundo Araújo e Leffa (2016, p. 62):

no Facebook, as possibilidades criadoras são ainda maiores, uma vez que esta rede social possibilita a mobilização de diferentes modos semióticos na constituição das postagens, que vão desde a escrita, passando por imagens, áudio e vídeos. Contudo, é relevante destacar que a multiplicidade de modos semióticos só é garantia de mais possibilidades criadoras caso os utentes possuam letramentos compatíveis com as diversas linguagens utilizadas (edição de vídeo, áudio, elaboração de formas gráficas...).

Desse modo, acreditamos que as completivas *desgarradas* são estruturas mais expressivas, tendo em vista a ausência da oração matriz, fato que possibilita uma interatividade maior com o leitor. Além disso, a expressividade dos exemplos anteriormente citados aumenta na medida em que o gênero multimodal emprega recursos linguísticos e semióticos.

## DESCRIÇÃO DO CORPUS

Nespor (2010) afirma que o interesse de alguns estudos linguísticos em propor a interface entre sintaxe e prosódia se justifica pelo fato de haver uma interdependência entre essas áreas de análise linguística. Assim, partindo do pressuposto de que as duas áreas linguísticas se inter-relacionam, propomos, neste artigo, um teste linguístico preliminar que objetiva verificar como fatores prosódicos, como a pausa e a entoação, se manifestam em cláusulas completivas e em cláusulas completivas *desgarradas*.

Para elaboração desse teste linguístico, em um primeiro momento, foram recolhidos 65 *posts* (sessenta e cinco) do *Facebook* compostos por diferentes tipos de cláusulas, a saber, cláusulas completivas e completivas *desgarradas*, cláusulas hipotáticas relativas e hipotáticas relativas *desgarradas*, cláusulas hipotáticas circunstanciais e hipotáticas circunstanciais *desgarradas*.

Posteriormente, como a estrutura silábica das palavras que constituíam cada sintagma verbal era muito variada por conta dos *posts*, consideramos uma estrutura “padrão” de palavra final, o que não significa dizer que os resultados apresentados façam referência somente a palavras com essa estrutura. Assim, concebemos como estrutura “padrão” das palavras finais aquelas constituídas pelas sílabas pretônica, tônica e postônica. Desse modo, cláusulas como: “Que vivas todo o tempo que quiseres e que viva plenamente” configuram um exemplo dessa estrutura padrão, pois no final da primeira cláusula tem-se a palavra *qui-se-res* e no final da segunda cláusula tem-se *ple-na-men-te*.

Desse modo, para que pudéssemos observar o movimento melódico, o teste foi constituído por 14 (quatorze) *posts* que tiveram suas cláusulas *desgarradas*, totalizando 28 (vinte e oito) dados. Dentre esses dados, somente 6 (seis) cláusulas se tornaram objeto de investigação, as demais cláusulas foram empregadas como distratores para que os informantes não pudessem perceber qual estrutura estava sendo investigada, como se pode identificar pela tabela a seguir:

Tabela 1: *Corpus* do teste de percepção

Tipos de cláusulas	Quantidade
Completivas	10
Completivas <i>desgarradas</i>	10
Hipotática relativa	1
Hipotática relativa <i>desgarrada</i>	1
Hipotática circunstancial	3
Hipotática circunstancial <i>desgarrada</i>	3

## TESTE DE PERCEPÇÃO

O teste de percepção foi realizado individualmente, em dias previamente agendados com cada falante de acordo com a sua disponibilidade. As cláusulas foram randomizadas e lidas por 4 (quatro) informantes, totalizando 112 dados, sendo 24 dados o objeto do nosso estudo. Cada falante foi instruído, antes de o teste começar, acerca dos seguintes aspectos: a tarefa a ser realizada consistia na leitura de cláusulas; as cláusulas apareceriam uma a uma na tela do computador; o informante deveria fazer uma leitura silenciosa e, em seguida, uma em voz alta; não haveria tempo limite para a produção de cada cláusula; ao concluir a leitura, deveria apertar a tecla “espaço” para passar para a próxima cláusula e, eventualmente, o instrutor poderia solicitar a repetição de alguma cláusula.

Vale ressaltar que os testes foram aplicados pelos próprios pesquisadores, para que houvesse pouca ou nenhuma interferência de ruído de fundo e, caso fosse necessário, devido a algum problema com a leitura do informante – leitura equivocada, gagueira ou a não leitura de todas as palavras, por exemplo. O som foi digitalizado com uma taxa de amostragem de 22050HZ, os arquivos de áudio foram fragmentados no programa *Audacity*, armazenados no formato WAV e analisados no *Praat*, *software* que permite a análise acústica. Assim, as cláusulas analisadas foram as seguintes:

- (i) Que vivas todo o tempo que quiseres e que viva plenamente.
- (ii) **Desejo** que vivas todo o tempo que quiseres e **que viva plenamente.**
- (iii) **Desejo** que a gente só se dê o trabalho de ter bons pensamentos.
- (iii) Que a gente só se dê o trabalho de regar bons pensamentos.
- (iv) Que a gente tenha: astral bonito.
- (v) **Desejo** que você tenha: astral bonito.

## ANÁLISE DOS DADOS

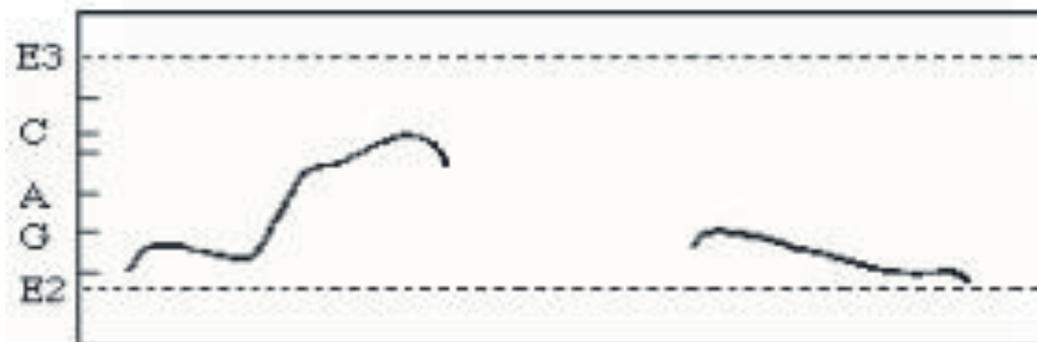
A metodologia de composição e análise dos dados do *corpus* seguiram alguns passos como: escolha e coleta das postagens; escolha e coleta das estruturas a serem analisadas; codificação dos dados; interpretação dos resultados; e análise prosódica.

No que se refere à codificação dos dados, os seguintes aspectos foram levados em consideração: tipo de cláusula *desgarrada* (inerentemente pragmática, cotextual, contextual); conjunção usada na cláusula *desgarrada* (*que, se*); modo verbal usado na cláusula *desgarrada* (subjuntivo, indicativo, imperativo); composição da cláusula *desgarrada* (simples, enumeração, correlação, subordinação); gênero textual da postagem (oração/bênção, cartão de aniversário, de Natal, de Ano Novo, mensagem de autoajuda, recado, exortação, horóscopo, letra de música); forma verbal da oração *desgarrada* (desenvolvida, reduzida); sinal de pontuação empregado antes da cláusula *desgarrada* (ponto final, exclamação, reticências, dois pontos, não há sinal de pontuação); verbo implícito na cláusula *desgarrada* (desejar, esperar etc.) e verbo explícito antes da cláusula *desgarrada*.

Neste estudo, como já dissemos, enfatizamos a análise prosódica. Assim, empregamos como instrumento a análise da fonética acústica, que possibilita a investigação de parâmetros prosódicos envolvidos na realização de rupturas prosódicas no contínuo da fala, como as frequências formânticas, a frequência fundamental (doravante F0), duração de porções de fala, a amplitude e o conteúdo espectral da onda sonora. Em se tratando do *corpus*, buscamos verificar se as cláusulas completivas e as cláusulas completivas *desgarradas* apresentavam comportamento diferenciado em relação ao fator prosódico intitulado contorno melódico.

Os *posts* analisados são constituídos somente por assertivas neutras que estão presentes em diferentes estruturas sintáticas. Desse modo, é possível a variação de padrão melódico (ora ascendente, ora descendente) de um contorno terminal em posição intermediária. Já em posição final, é frequente o padrão apontado por Moraes (1998). Segundo o estudioso, o padrão melódico em posição final é caracterizado por uma queda da frequência fundamental no final do enunciado (mais precisamente no final da sílaba tônica), enquanto o movimento melódico inicial é caracterizado por um início de F0 em nível médio, conforme ilustra a Figura 6:

Figura 7: Exemplo de variação de F0 (MORAES, 1998, p. 183).



Assim, verificamos, na pequena amostra por nós organizada, um movimento melódico descendente em cláusulas completivas *desgarradas* em posição intermediária (cf. imagem IV) e um movimento melódico ascendente em cláusulas completivas em posição intermediária (cf. imagem V). Quanto à posição final, verificamos em ambos os tipos de cláusulas o padrão assertivo neutro apontado por Moraes (1998), conforme ilustra a Tabela 2.

Figura 8: Exemplo de movimento descendente em cláusulas completivas desgarradas.

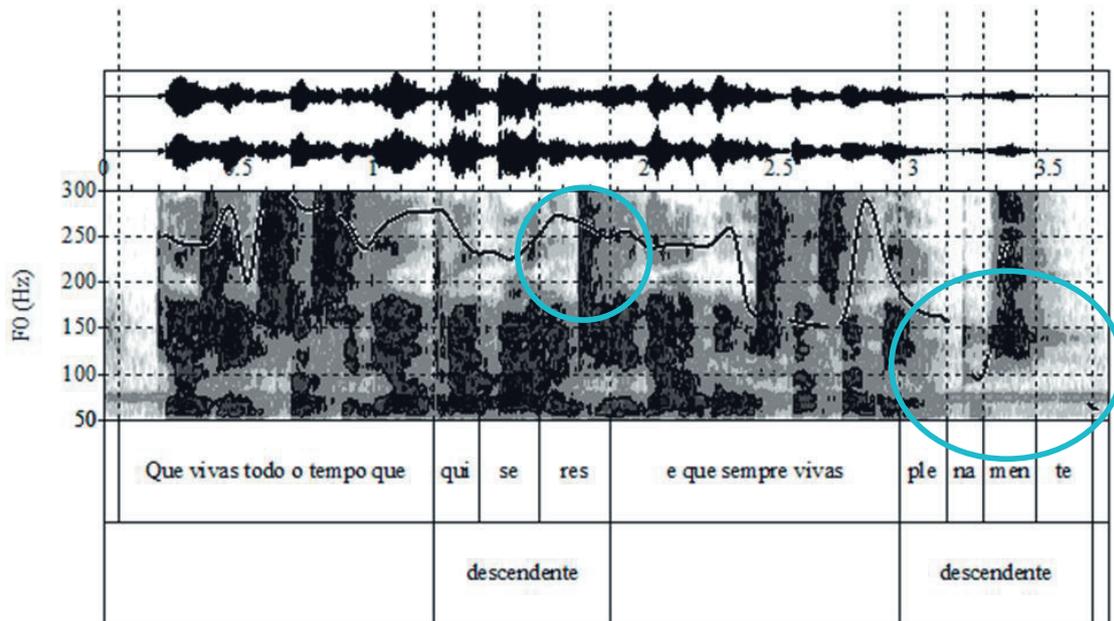


Figura 9: Exemplo de movimento melódico ascendente em posição intermediária em cláusulas completivas.



Tabela 2: Padrão melódico das cláusulas completivas e das cláusulas completivas *desgarradas*.

Tipos de cláusulas	Nº de dados	Movimento melódico palavra final em posição intermediária	Movimento melódico palavra final em posição final
Cláusulas completivas <i>desgarradas</i>	12	100% descendente <sup>3</sup>	100% descendente
Cláusulas completivas	12	83,4% ascendente 8,4% descendente 8,4% sem movimento melódico	91,6% descendente 8,4% ascendente

Por meio da análise prosódica das completivas não *desgarradas* em cotejo com as *desgarradas*, percebe-se que o movimento melódico das *desgarradas*, em posição intermediária, é descendente e que o das completivas não *desgarradas* é ascendente. Entretanto, no que tange ao movimento melódico em posição final, o comportamento das completivas é descendente em ambos os usos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora reconheçamos que a análise prosódica levou em conta poucos dados e que o único parâmetro prosódico considerado tenha sido o movimento melódico, este aspecto confirmou que a completiva *desgarrada* possui um comportamento diferenciado das completivas não *desgarradas*. Assim, o movimento melódico descendente configura um fraseamento prosódico, o que nos permite afirmar que a completiva *desgarrada* constitui um sintagma entoacional à parte.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (org.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (Ed.) *The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luiz F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAHLET, Véronique. *As (Man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

<sup>3</sup> Vale ressaltar que o padrão descendente nas cláusulas completivas *desgarradas* só pode ser atestado em 1 (um) dado, “Que vivas todo o tempo que quiseres e que viva plenamente”, pois somente esse é composto por 2 (duas) cláusulas completivas *desgarradas* e, portanto, pode-se verificar o movimento melódico em posição intermediária.

DECAT, Maria Beatriz do Nascimento. *Leite com manga, morre!: da hipotaxe adverbial no português em uso*. São Paulo, LAEL/PUC. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua. 287 f, 1993.

\_\_\_\_\_. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes Editora, 2011.

DIONISIO, A. P.; VASCONCELOS; L. J.; SOUZA, M. M. Multimodalidade, convenções visuais e leitura. In: DIONISIO, A. P.; VASCONCELOS; L. J. e SOUZA, M. M. *Multimodalidade e leituras*. Recife: Pipa comunicação, 2014. p. 41-69.

FORD, Cecilia. *Variation in the intonation and punctuation of different adverbial clause types in spoken and written English*. Santa Bárbara Papers. Santa Bárbara, 1988.

GÓIS, Carlos. *Método de análise (lexia e lógica) ou sintaxe das relações*. 12ª. ed., Gráfica Sauer: Rio de Janeiro, 1943.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN; THOMPSON (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988.

MORAES, J. A. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D.; DI CRISTO A. (Eds.) *Intonation systems: a survey of twenty languages*, Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 179-194.

NESPOR, Marina. Prosódia: uma entrevista com Marina Nespor. *ReVEL*, v. 8, n.15, 2010.

RODRIGUES, Violeta Virginia. O desgarramento de orações completivas no Facebook. In: *Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações: organização Ana Beatriz Arena, Ivo da Costa do Rosário, Milena Torres de Aguiar e Monclar Guimarães Lopes*. – 1. Ed. – Niterói: Letras da UFF, 2019 – v. 1, n.2. p. 93-112. ISBN 978-85-65355-27-8

SILVESTRE, A. P. S.; RODRIGUES, V. V. O ‘Desgarramento’ de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. In: XXV Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal - RN. *Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE*. Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN, 2014. v. 1. p. 1-11.

SILVESTRE, A. P. S.; RODRIGUES, V. V. Desgarramento: um novo olhar. In: ARENA, Ana Beatriz et alii (org.). I CCO, 2016, Niterói/RJ. In: *Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações*. p. 217-237. Niterói: Letras/UFF, 2017. Disponível em: <https://uffcco.files.wordpress.com/2017/12/anais-do-i-seminc3a1rio-do-cco-pubcac3a7c3a3o-com-isbn.pdf>

TENANI, L. E. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n 1, 231 - 245p, 2008.

\_\_\_\_\_; SONCIN, G. C. N. O emprego de vírgulas: evidências de relações entre enunciados falados e escritos. In: II Simpósio Mundial de Língua Portuguesa, 2010, Évora. *Estudos de Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora. v. 01, 2010. 44-65p.